



Expectativa

Menina índia continua desaparecida na mata

Juliana está sendo procurada por equipes da Polícia Militar que vasculham a área com ajuda de cães farejadores

MÔNICA BATISTA
Da Sucursal

Continuam as buscas à índia Juliana Pires de Lima, da Aldeia Itaóca, desaparecida há 13 dias na mata, em Mongaguá. Ontem, as equipes do Comando e Operações Especiais da Polícia Militar (COE) vasculharam a área, com a ajuda de dois cães farejadores. Os policiais também levaram o cachorro que havia acompanhado as meninas no dia em que elas saíram para colher plantas ornamentais, na mata, e não retornaram à aldeia. O animal só reapareceu depois de dez dias.

Segundo informação de Nilton Machado Bueno, técnico da Funai, o cachorro chegou na Aldeia Itaóca, na segunda-feira à noite, bastante debilitado. Na terça-feira, o cão descansou e alimentou-se melhor. Ontem, os policiais levaram-no até a mata, na esperança de que ele pudesse ajudar nas buscas. Eles não encontraram qualquer vestígio que facilitasse o trabalho. O local ainda está bastante alagado.

O clima na aldeia é de expectativa em relação às buscas e uma das mais desoladas é a mãe de Juliana, Hilda Fernandes, que chegou a acompanhar, no início, o trabalho da polícia na mata. Ela ainda tem a esperança de encontrar a filha viva.

De acordo com Bueno, o índio Ademar da Silva, que estava preso temporariamente, já está solto. "Ele foi levado para uma aldeia em Pariqueira-



A mãe da menina, Hilda Fernandes, acompanha desde o início as buscas que estão sendo realizadas no rio e na mata



FOTOS JOÃOVIEIRA JÚNIORS

Açu", disse. Embora Juliana ainda não tenha sido encontrada, Ademar foi posto em liberdade por conta das declarações da irmã de Juliana.

Queda — Segundo Sílvia Silveira, a menina encontrada no último sábado à noite, pelos

próprios índios, confirmou a primeira versão de Ademar e negou que elas tenham sofrido qualquer tipo de agressão cometida por ele.

Sílvia disse que ela e Juliana acabaram se separando dois dias depois de terem se perdido do grupo (no dia 27).

Ela contou que subiram em uma árvore para passar a noite e que Juliana acabou caindo. Juliana teria começado a chorar, pedindo ajuda, mas Sílvia não desceu da árvore. Quando amanheceu, Juliana já não estava mais no local.

Sílvia continua internada no

Hospital de Mongaguá, recuperando-se das lesões sofridas em todo o corpo, após percorrer a mata durante oito dias, alimentado-se de coquinhos.

Contradição — Inicialmente, Ademar contou à polícia que as meninas afastaram-se dele,

enquanto colhiam plantas ornamentais, e acabaram se perdendo na mata (do dia 25 a 1º). No dia 2, afirmou que havia matado as duas meninas e jogado os corpos às margens do rio. Os policiais passaram o dia inteiro procurando as meninas, mas alguns índios acabaram encontrando Sílvia, no início daquela noite, em cima de uma árvore. Ademar alegou, então, que confessou o duplo assassinato por sentir-se pressionado pela comunidade indígena local. Os demais índios, segundo ele, passaram a desconfiar de sua versão sobre o sumiço das meninas.

Como Sílvia afirmou que ela e Juliana passaram três dias perdidas (do dia 25 a 27) na mata e só se separaram no terceiro dia (27), foi descartada a hipótese de que Ademar teria matado apenas Juliana. Ele retornou à Aldeia Itaóca, acompanhado das outras duas meninas (Cátia e Alvina), no início da noite do dia 25 deixando Sílvia e Juliana para trás. Os próprios índios começaram a procurá-las no dia seguinte.

O boletim de ocorrência, porém, só foi registrado pelo cacique Laurindo Carai Veríssimo dois dias após o desaparecimento das meninas. No dia 28, o fato foi comunicado ao Posto da Funai, em Itanhaém. Como a operação de resgate é bastante complicada por tratar-se de mata fechada, com poucas trilhas, e alagada por causa das chuvas, o COE foi acionado para efetuar as buscas.